ISSN: 2358-8829

O ENSINO DA MATEMÁTICA EM CONTEXTO: RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS E SABERES CULTURAIS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DO 3º ANO[1]

Angela de Oliveira Pisetta[2]

Fátima Peres Zago de Oliveira[3]

INTRODUÇÃO

A aprendizagem da matemática torna-se mais significativa quando a criança participa de experiências que fazem sentido para sua realidade. Ao observar, investigar, calcular e vivenciar situações do nosso dia a dia compreendemos melhor os conceitos matemáticos e percebemos como eles são úteis na vida de cada um de nós.

A matemática está presente em diversas situações do cotidiano e nós aprendemos com mais sentido quando ela se relaciona com a história, a cultura e as tradições da comunidade. Em Rio do Oeste – SC, a tradicional Festa da Polenta representa um importante patrimônio cultural, que celebra a influência da imigração italiana na formação da identidade do município. Entre os principais símbolos da festa está a polenta, que reúne moradores e visitantes em torno de uma receita que valoriza a união, a tradição e o trabalho coletivo.

A Festa da Polenta não é um tema escolhido de fora para dentro da escola. Ela faz parte da vida das famílias rioestenses: está nas conversas de casa, nas histórias contadas pelos mais velhos, no trabalho de quem se envolve na organização e na lembrança de cada edição. As crianças do 3º ano crescem ouvindo falar da festa, da polenta gigante virada no tabiel e do parolo sobre o fogo de lenha. Como professora também vivencio essa tradição da cidade e a reconheço como parte da minha própria

[1]Relato de experiência desenvolvido com as turmas de 3º ano da Escola de Ensino Fundamental Fortunato Tarnowski – Rio do Oeste/SC e apresentado na 28ª Feira Regional de Matemática (IFC – Campus Rio do Sul, 11 de setembro de 2026), categoria Ensino Fundamental Anos Iniciais, modalidade Matemática aplicada e/ou inter-relação com outras disciplinas, pelas estudantes expositoras Helena Back Vagner e Stella Gabrielly de Oliveira.

[2]Professora dos 3º anos da Escola de Ensino Fundamental Fortunato Tarnowski – Rio do Oeste/SC, professora orientadora do trabalho na Feira de Matemática, angelapisetta@yahoo.com.br;

[3]Doutora em Educação Científica e Tecnológica pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC; professora Sênior do PROFMAT da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, Campus Joinville, fatima.peresoliveira@gmail.com.

história. Por isso, quando a festa entrou na sala de aula, ela não chegou como um assunto distante, mas como algo que conhecemos, vivemos e sentimos juntos.

Neste trabalho, nós, professora com os estudantes do Ensino Fundamental aprendemos matemática a partir de uma tradição do município: a Festa da Polenta. Por meio de atividades relacionadas ao preparo da polenta, realizamos cálculos, resolvemos problemas, interpretamos dados e compreendemos a importância da matemática no planejamento e na organização de um evento que representa a cultura da comunidade.

Ao encontro dessa compreensão da matemática presente na realidade concreta e na cultura de uma comunidade, D'Ambrósio (1996, p.7) afirma que ele entende a "matemática como uma estratégia desenvolvida pela espécie humana ao longo da sua história para explicar, para entender, para manejar e conviver com a realidade sensível, perceptível, e com o imaginário, naturalmente dentro de um contexto natural e cultural". Sob essa perspectiva, o nosso trabalho mostra que aprender matemática por meio da cultura local torna o conhecimento mais significativo, desperta e instiga o interesse pela aprendizagem e fortalece a valorização das tradições da comunidade.

Essa compreensão aproxima Freire (2014, p.119) ao afirmar que é a partir da "situação presente, existencial, concreta" das pessoas que se pode organizar o conteúdo programático da educação. Partir da Festa da Polenta foi uma forma de respeitar aquilo que as crianças já sabem e vivem fora da escola e de transformar esses saberes em ponto de partida para novas aprendizagens matemáticas.

Inspirados por esse legado cultural, nós, professora com os alunos dos 3º anos do Ensino Fundamental da Escola de Ensino Fundamental Fortunato Tarnowski, dos períodos matutino e vespertino, desenvolvemos este trabalho para integrar conhecimentos matemáticos próximos do nosso cotidiano. O ponto de partida é a receita da polenta que é o principal prato servido na festa.

Diante disso, o principal objetivo deste trabalho é estabelecer uma relação dialógica com os estudantes no processo de calcular o custo da preparação da polenta servida durante a Festa da Polenta e de entender como a matemática contribui para o planejamento e a realização de uma festa local. Dessa forma, o trabalho mostra que o aprendizado matemático pode ser construído de maneira prática, contextualizada e significativa, fortalecendo o vínculo entre a escola, a cultura local e a valorização das tradições que fazem parte da história do município.

ISSN: 2358-8829

Estabelecer uma relação dialógica significa reconhecer as crianças como sujeitos que pensam, perguntam e sabem coisas sobre o seu mundo. Para Freire (2014, p. 109), "o diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu". No nosso caso, o mundo que nos reuniu foi a Festa da Polenta, e calcular o custo da polenta foi a forma que encontramos de pronunciá-lo juntos, com a matemática.

Optamos por manter, neste texto, a voz coletiva com que o relato foi escrito com as crianças, "nós, professora com os estudantes", e acrescentar as reflexões pedagógicas da professora sobre o caminho percorrido. Na sequência, apresentamos os caminhos metodológicos, os fundamentos que orientaram a proposta, os resultados e a discussão e, por fim, as considerações finais.

METODOLOGIA

Este texto é um relato de experiência de natureza qualitativa, desenvolvido em 2026 com as turmas de 3º ano dos períodos matutino e vespertino da Escola de Ensino Fundamental Fortunato Tarnowski, em Rio do Oeste (SC). A proposta foi organizada em etapas: estudo sobre a origem do milho; questionário respondido por um agricultor; visita a um moinho de fubá; visita ao Parque de Exposições da FEPOL para medir o parolo e o tabiel; conversa com um dos primeiros polenteiros da festa; pesquisa de preços em três mercados da cidade; contato com a Prefeitura Municipal; e sistematização dos dados em tabelas, gráficos e problemas resolvidos em grupo. Os registros foram feitos por meio de fotografias, cadernos, desenhos, tabelas e gráficos produzidos pelas próprias crianças.

Em cada etapa, procuramos partir das perguntas e curiosidades das crianças e, depois, retomar em sala de aula o que havia sido vivido, sistematizando os conhecimentos matemáticos. O diálogo foi, assim, o próprio caminho metodológico: as atividades não chegaram prontas, mas foram sendo planejadas e replanejadas.

A cidade de Rio do Oeste – SC realiza, a cada dois anos, a tradicional Festa da Polenta (FEPOL), um evento que celebra a cultura italiana e reúne a comunidade em torno de uma de suas principais tradições. Como neste ano aconteceria mais uma edição da festa, a professora propôs o desenvolvimento de um trabalho que relacionasse a FEPOL aos conteúdos de matemática estudados no 3º ano. A culminância seria uma Minifesta da Polenta, com a participação da professora com os alunos e familiares.

Entretanto, devido às previsões de eventos climáticos para a região sul do país, a Prefeitura Municipal decidiu cancelar a realização da FEPOL.

Mesmo diante desse imprevisto, decidimos dar continuidade ao trabalho. As atividades planejadas foram reorganizadas, e a Mini Festa da Polenta deixou de fazer parte da programação. No entanto, mantivemos o foco no aprendizado matemático, utilizando a receita da polenta como base para explorar conceitos como medidas de massa, capacidade e tempo, quantidades, operações matemáticas, estimativas e cálculos de custos, orçamento e geometria. Nas demais disciplinas foram trabalhadas a leitura e interpretação de textos.

O cancelamento da festa foi um momento importante para a relação de confiança com a turma. A decisão de continuar não foi tomada só pela professora: ela foi conversada e assumida com as crianças. Esse gesto mostrou a elas que suas vozes contavam e que o trabalho era de todos. Mostrou também que a tradição não depende apenas do evento acontecer: a Festa da Polenta continuava viva nas famílias, na memória da cidade e, a partir daquele momento, na nossa sala de aula.

REFERENCIAL TEÓRICO: DIALOGICIDADE, CONFIANÇA E CULTURA

Freire (2014) critica a concepção “bancária” da educação, na qual o professor deposita conteúdos em estudantes passivos, e propõe uma educação problematizadora, em que educadores e educandos conhecem juntos a realidade. Para o autor, “ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (Freire, 2014, p. 95). No nosso trabalho, o mundo que nos mediatizou tinha nome e endereço: o milho plantado na lavoura, o moinho de fubá, o parolo e o tabiel do Parque de Exposições, a receita guardada por um dos primeiros polenteiros e os preços dos mercados da cidade.

Nessa perspectiva, a relação entre professora e estudantes deixa de ser a de quem sabe tudo diante de quem nada sabe. Freire (2014, p. 95-96) explica que “o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa”. Ao longo do trabalho, aprendemos com o agricultor, com o moendeiro, com o Sr. Anselmo e, principalmente, com as perguntas e descobertas das crianças, num processo dialógico.

Para Freire, o diálogo não começa apenas no momento da aula. Ele começa no planejamento, quando a professora se pergunta sobre o que vai dialogar com a turma:

ISSN: 2358-8829

> [...] para esta concepção como prática da liberdade, a sua dialogicidade comece, não quando o educador-educando se encontra com os educando-educadores em uma situação pedagógica, mas antes, quando aquele se pergunta em torno do que vai dialogar com estes. Esta inquietação em torno do conteúdo do diálogo é a inquietação em torno do conteúdo programático da educação (Freire, 2014, p. 115-116).

Foi essa inquietação que nos levou à Festa da Polenta. Ao planejar o trabalho, a pergunta não foi apenas "que conteúdos de matemática do 3º ano preciso ensinar?", mas "o que, na vida destas crianças e desta cidade, pode tornar esses conteúdos significativos?".

O diálogo, para Freire, não é uma técnica para tornar a aula mais agradável. É a essência de uma educação como prática da liberdade, e ele só existe quando há amor ao mundo e às pessoas, humildade, fé nos seres humanos e esperança. Desses elementos nasce a confiança:

> Ao fundar-se no amor, na humildade, na fé nos homens, o diálogo se faz uma relação horizontal, em que a confiança de um polo no outro é consequência óbvia. [...] Se a fé nos homens é um dado a priori do diálogo, a confiança se instaura com ele. A confiança vai fazendo os sujeitos dialógicos cada vez mais companheiros na pronúncia do mundo (Freire, 2014, p. 113).

Com crianças do 3º ano, essa confiança se constrói no cotidiano. Ela aparece quando a criança se sente segura para perguntar, para arriscar uma estimativa, para errar um cálculo e refazê-lo, para contar o que ouviu em casa sobre a festa. Ela também depende da coerência da professora, porque "a confiança implica o testemunho que um sujeito dá aos outros de suas reais e concretas intenções" (Freire, 2014, p. 113). Quando a palavra da professora coincide com seus atos, ou seja, quando ela escuta de verdade cumpre o que combinou e decide junto com a turma, as crianças passam a confiar no processo e em si mesmas.

Freire (2014, p. 119) alerta ainda que um programa educativo que desrespeita a visão de mundo das pessoas se torna uma "invasão cultural", ainda que feita com boas intenções. Freire (1996, p. 30) reforça o dever da escola de "respeitar os saberes com que os educandos [...] chegam a ela saberes socialmente construídos na prática comunitária" e de discutir com os alunos a razão de ser desses saberes em relação aos conteúdos. Trazer a Festa da Polenta para a aula de matemática é, portanto, uma escolha pedagógica: reconhecer a cultura da cidade como saber legítimo e colocá-la em diálogo com os conhecimentos escolares. Essa escolha conversa com a compreensão de

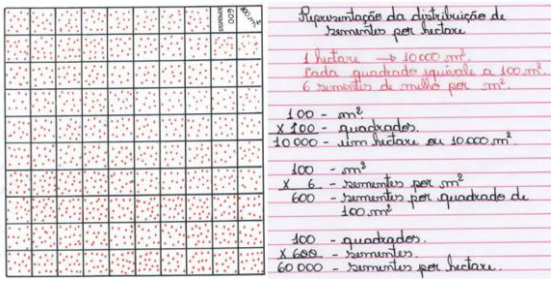
D’Ambrósio (1996) de que a matemática é produzida pelas pessoas dentro de um contexto natural e cultural.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O primeiro passo do nosso trabalho foi conhecer a origem e a evolução do milho, que é o ingrediente principal para o preparo da polenta; os estados produtores de milho no Brasil e a importância desse cereal para a agricultura de Santa Catarina.

Em seguida, enviamos um questionário para um agricultor que cultiva milho. Por meio dele, aprendemos sobre as etapas da produção, desde o plantio até a comercialização. Conhecemos os cuidados com a lavoura, as máquinas utilizadas, o período de colheita, os custos de produção, o lucro obtido com a venda da safra e a importância do planejamento para que a atividade gere lucro. Algo que despertou nossa curiosidade foi a quantidade de sementes utilizadas no plantio. O agricultor explicou que são semeadas, em média, 60.000 sementes por hectare. Como essa medida é difícil de entendermos, a professora fez, junto conosco, uma adaptação para facilitar nossa compreensão, explicando que essa quantidade corresponde, aproximadamente, a seis sementes por metro quadrado, como mostra a figura 1 abaixo.

Figura 1: Representação da quantidade de sementes de milho por metro quadrado.



Fonte: Os autores (2026).

Essa adaptação mostra uma marca do nosso trabalho: a informação do agricultor não foi deixada de lado por parecer “difícil” para crianças de 3º ano. Buscamos uma forma de compreendê-la, transformando um número grande em algo que podia ser desenhado e contado. Como lembra Freire (1996, p. 47) que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

Não paramos de aprender coisas novas. Desta vez, fizemos uma visita a um moinho, onde conhecemos como o milho é transformado em fubá. Ali, descobrimos que

a matemática está em tudo e ajuda o moendeiro a fazer o seu trabalho. O milho estava em sacos de 50 kg. Depois de moer o produto, ele o divide em pacotes menores, de 1 kg ou 500 g, para vendê-lo no mercado. Para isso, utilizou a divisão, garantindo que todos os pacotes tivessem o mesmo peso. Marcamos no relógio o tempo de moagem de um saco de milho: levou uma hora. Notamos que, na prática, ele estava usando a multiplicação. No moinho, também identificamos formas geométricas: os silos tinham forma de cilindros e as caixas, a forma de cubos. As engrenagens que giravam as máquinas eram círculos e os sacos de estopa no chão tinham forma de retângulos. Com o moendeiro, ainda vimos como funciona o sistema monetário. Calculamos o preço dos pacotes de fubá e calculamos o troco. Na balança digital, aprendemos as centenas e milhares. Depois, resolvemos atividades de matemática, leitura de tabelas e problemas.

A visita ao moinho mostrou às crianças que a matemática não está só no caderno: ela faz parte do trabalho de pessoas da nossa comunidade. Reconhecer o saber do moendeiro, construído na prática do dia a dia, e colocá-lo em diálogo com os conteúdos do 3º ano é o que Freire (1996) chama de respeito aos saberes socialmente construído na prática comunitária.

Após ir ao moinho, visitamos o Parque de Exposições - FEPOL, local onde acontece a Festa da Polenta, para conhecer de perto o parolo e o tabiel (tábua de madeira onde a polenta é virada depois de pronta). A professora nos orientou a medir o parolo e o tabiel. Com a fita métrica e um barbante, entendemos os conceitos de comprimento, largura e altura. Medimos o parolo com barbante, e depois, esticamos o barbante no chão para medi-lo com uma trena. A metragem foi de 4,58 m de circunferência, 1,75 m de diâmetro e 75 cm de altura. O tabiel mediu 2,30 m de comprimento, 1,83 m de largura e 18 cm de altura. As formas geométricas também estavam presentes aqui. Olhando o parolo de cima, vimos um círculo, e de lado um cilindro, como mostra a figura 2 abaixo.

Figura 2: Medindo o Parolo e o Tabiel.



Fonte: Os alunos (2026).

Medir o parolo e o tabiel teve um significado especial. São os mesmos objetos em que, a cada edição, a comunidade prepara e vira a polenta gigante. Tocar, medir e observar esses objetos aproximou a geometria e as grandezas e medidas daquilo que as crianças já tinham visto na festa com suas famílias. O conteúdo escolar ganhou rosto, lugar e história.

Na escola, a professora preparou conosco atividades para reforçar o que aprendemos, com operações matemáticas, sistema monetário, medidas de tempo, massa, capacidade e comprimento. Também vimos que os cozinheiros precisam calcular corretamente os ingredientes para fazer a polenta, sem errar a receita.

A nossa curiosidade em aprender sobre a polenta e a organização da festa não parou. Recebemos na sala de aula um convidado, o Sr. Anselmo, que foi um dos primeiros polenteiros da Festa da Polenta. Ele compartilhou suas experiências, contou a história e revelou curiosidades sobre a preparação da tradicional polenta. Além disso, trouxe a receita original, apresentando os ingredientes e as quantidades utilizadas para prepará-la. A partir dessa receita, realizamos diversos cálculos e exploramos ainda mais a tradição e a matemática. Com a entrevista, desenvolvemos conhecimentos sobre medidas de massa, capacidade, tempo, operações matemáticas, resolução e interpretação de problemas, cálculo de custos e planejamento. Foi uma experiência interessante, pois uniu a história e a tradição da nossa comunidade com a aprendizagem da matemática de forma prática e significativa. As figuras 3 e 4 registram, respectivamente, o momento em que o Sr. Anselmo compartilha seus conhecimentos com a turma e a receita original utilizada no preparo da polenta da festa.

Figura 3: Palestra com um dos primeiros polenteiros.



Fonte: Os alunos (2026)

Figura 4: Receita da polenta servida na festa.



Fonte: Os autores (2026)

A presença do Sr. Anselmo na sala de aula foi um encontro entre gerações e entre saberes. Ele trouxe a memória viva da festa; as crianças trouxeram suas perguntas; a professora ajudou a transformar a receita em problemas matemáticos. Nesse encontro, como afirma Freire (2014, p. 112), “não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão, buscam saber mais”. A receita original, guardada por

quem ajudou a construir a tradição, tornou-se o centro do nosso trabalho com a matemática.

Com a receita em mãos, colocamos a matemática em prática. Calculamos o valor do quilo do fubá, do sal e do óleo, pesquisamos o custo do litro de água, do metro cúbico de lenha e o pagamento dos polenteiros.

Para descobrir o custo da polenta de 1.000 kg, pesquisamos os preços em três mercados da cidade. Comparamos os preços do quilo do fubá, do sal e do litro do óleo, sempre considerando produtos de boa qualidade. Na sala de aula, organizamos os dados em uma tabela, o que facilitou a comparação das informações, conforme apresentado a seguir.

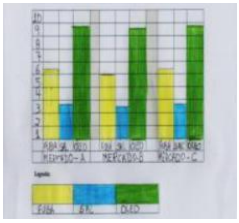
Tabela 1 – Pesquisa de preço dos ingredientes utilizados na receita da polenta.



Fonte: Os autores (2026).

Com os preços organizados, identificamos o menor valor do produto e utilizamos os dados para calcular o custo dos ingredientes da receita. Nesta etapa, trabalhamos com adição, comparação de números, multiplicação e resolução de problemas. Além desses itens, a pesquisa incluiu outros custos envolvidos na produção da polenta, como a lenha e o litro da água. Para isso, conversamos com o setor responsável da Prefeitura Municipal de Rio do Oeste a fim de conhecer o custo de um litro de água consumido no pavilhão da Fepol e o valor pago aos polenteiros pelo trabalho realizado durante a festa. O gráfico 1 abaixo apresenta a comparação dos ingredientes utilizados na receita da polenta.

Gráfico 1 – Comparação dos preços dos ingredientes da receita de polenta.



Fonte: Os autores (2026).

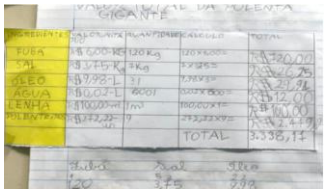
As tabelas e os gráficos foram construídos pelas próprias crianças, à mão, nos seus cadernos. Mais do que copiar um modelo pronto, elas decidiram como organizar as

ISSN: 2358-8829

informações que tinham coletado nos mercados da cidade. Assim, a leitura e a construção de tabelas e gráficos deixaram de ser um exercício isolado e passaram a ter uma finalidade: responder a uma pergunta que era delas.

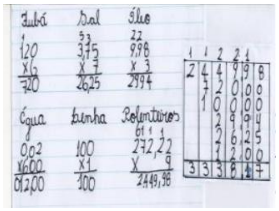
Com todas essas informações, realizamos o nosso desafio matemático: somar os gastos para descobrir quanto custa produzir a polenta de 1.000 kg. Ao final dos cálculos, verificamos que o custo total da produção da polenta gigante foi de R$ 3.338,17. Esse resultado despertou a curiosidade e nos surpreendeu, mostrando a importância da matemática para compreender os custos de um evento tão significativo para a comunidade, conforme mostram a tabela 2 e a figura 5 abaixo.

Tabela 2: Custo dos ingredientes utilizados na receita.



Fonte: Os autores (2026).

Figura 5 – Cálculo do custo dos ingredientes da preparação da polenta



Fonte: Os autores (2026).

A partir dos dados coletados, a professora nos propôs novos desafios matemáticos na sala de aula com atividades resolvidas em grupo. Calculamos, por exemplo, quantas polentas teriam sido preparadas ao longo das 21 edições da festa, considerando a produção de quatro polentas por edição. Também estimamos o custo total dessas polentas, o valor gasto com o pagamento dos polenteiros e o total de horas dedicadas ao preparo em todas as edições. Esses e outros cálculos nos possibilitaram o desenvolvimento do raciocínio lógico, estimativa, interpretação de dados, das operações matemáticas e da compreensão de como a matemática está presente na organização e no planejamento de eventos reais.

Nos grupos, as crianças discutiam estratégias, conferiam os cálculos dos colegas e explicavam como tinham chegado aos resultados. Para que isso acontecesse, foi preciso um ambiente de confiança, em que errar fazia parte do aprender e em que cada criança sabia que seria ouvida. Como professora, meu papel foi o de problematizar, perguntar e acompanhar, e não o de entregar respostas prontas. Calcular quantas polentas já foram feitas em 21 edições da festa também levou as crianças a perceber a dimensão histórica da tradição: a festa existia antes delas e continua sendo construída por sua comunidade.

Ao final das atividades, percebemos que a matemática faz parte do nosso dia a dia e é muito importante para organizar eventos. Os cálculos realizados nos ajudaram a aprender de forma prática, desenvolvendo o raciocínio, a interpretação de dados e o trabalho em equipe, tornando a aprendizagem mais interessante e significativa.

Olhando para o percurso como um todo, podemos compreendê-lo como uma proposta pedagógica que pode inspirar outras professoras e professores: partir de uma tradição viva da comunidade; escutar o que as crianças já sabem e o que desejam saber; ir aos lugares onde essa tradição acontece; convidar pessoas da comunidade para a sala de aula; transformar as informações reunidas em problemas matemáticos; e sistematizar os conteúdos com registros feitos pelas próprias crianças. Em todas essas etapas, o diálogo e a confiança entre professora e estudantes foram o que sustentou o trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho, descobrimos que a matemática não se limita às contas e números no caderno: ela faz parte da nossa história, da nossa cultura e do dia a dia da nossa comunidade. Participamos de várias etapas: enviamos um questionário para um agricultor que planta milho, visitamos o moinho de fubá, medimos o parolo e o tabiel no pavilhão e até entrevistamos um polenteiro. Em cada uma dessas etapas, percebemos que a matemática estava presente: nas formas geométricas do moinho, nas medidas de massa, capacidade e comprimento, no tempo de moagem do milho e, claro, no planejamento financeiro para calcular o custo da tradicional polenta de 1.000 kg.

Como professora, percebo que o trabalho só foi possível porque a Festa da Polenta é parte da vida das crianças e também da minha. Não precisei apresentar a elas uma cultura estranha: aprendemos juntas a olhar com outros olhos algo que já era nosso. A relação de confiança construída no diálogo permitiu que as crianças perguntassem, errassem, discutissem e assumissem decisões, inclusive a de continuar o trabalho quando a festa foi cancelada. Para Freire (2014, p. 108), “existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo”. Ao calcular, medir, comparar e explicar a polenta da sua cidade, as crianças disseram a sua palavra sobre o seu mundo, com a matemática.

Aprender matemática pesquisando preços, organizando tabelas, gráficos e calculando os ingredientes da polenta tornou a nossa aprendizagem mais divertida e prática. Agora, temos a certeza de que a receita de uma boa polenta leva farinha, água, sal, união e muita matemática.

Palavras-chave: Dialogicidade, Cultura local, Educação Matemática, Anos Iniciais, Festa da Polenta.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao agricultor que respondeu ao nosso questionário, ao moendeiro que nos recebeu no moinho, ao Sr. Anselmo, à Prefeitura Municipal de Rio do Oeste e às famílias que acompanharam o trabalho. Agradecemos, especialmente, aos estudantes dos 3º anos da Escola de Ensino Fundamental Fortunato Tarnowski de Rio do Oeste – SC, que desenvolveram este trabalho: Arthur Zacarias; Ayla G. Wilbert; Davi W. Becker; Eloiza G. Oliveira; Heloísa Arnold; Isabela Külkamp; Isabella Miranda; Isabella S. Pessatti; Isabelle dos Santos; Isadora Pisetta; Laís W. Silva; Lívia M. Feltrim; Manuel Manieski; Maria Correa; Mikael Pereira; Olívia Schulemburg; Sarah Alberton; Sofia C. Ribeiro; Sofia Ferreira; Stella G. de Oliveira; Aaron Comentares; Davi A Correa; Eloa Dolsan; Francisco da Silva; Guilherme Borges; Henrique P. Batista; Ícaro S. Filipiak; Isabelly P. Willers; Kalleb Duarte; Luiggi Del Sent; Maria E. Jasper; Maria H. W. Pereira; Nátaly M. Bruch; Otávio H. Küster; Sebastião Dantas; Sofia H. Macedo; Thales Pereira; Valentina B. Silva.

REFERÊNCIAS

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Educação Matemática**: da teoria à prática. Campinas: Papirus, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GIOVANNI JR., José Ruy. **A conquista da matemática**: 3º ano. 1. ed. São Paulo: FTD, 2021.